

## CIDADE FRAGMENTADA: UM OLHAR SOBRE O CONTRASTE

Thais de Carvalho Sabino  
Orientadora: Stefania Chiarelli  
Mestranda

### RESUMO

Neste trabalho, buscarei pensar a respeito da imagem do subúrbio enquanto a de um lugar incompatível com o cenário do progresso, do consumo e dos mecanismos que fazem pulsar a vida dessa metrópole brasileira. A fim de desenvolver a questão levantada, terei como suporte o romance de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010), que reflete sobre desigualdade social e sobre os meios utilizados para legitimá-la e reproduzi-lá, bem como as leituras de Renato Cordeiro Gomes, Zuenir Ventura, Beatriz Sarlo, Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, Regina Dalcastagnè, Michel Maffesoli e Glauciane Reis Teixeira. A partir da perspectiva abordada nesta pesquisa e também pelos autores mencionados, torna-se fundamental, portanto, a análise dos bairros denominados na obra de Tirol e Várzea, que se figuram como obstáculos para o desenvolvimento e funcionamento de um grande centro urbano, impulsionado pelo mercado de consumo. Eles são, por conseguinte, o atraso do qual essa cidade não precisa e, por isso, o descarte e o esquecimento se mostram partes inevitáveis na existência desses sujeitos excluídos do sistema imposto. Resta, então, o embate entre dois mundos que, apesar de representarem espaços geograficamente próximos, encontram-se socialmente distantes. Sendo assim, a imagem de uma “cidade maravilhosa” contrasta com o universo figurado por esses indivíduos que nela se encontram, e que são destituídos de usufruir de direitos e privilégios proporcionados pelo centro urbano carioca.

**PALAVRAS-CHAVE:** cidade fragmentada, contraste, desigualdade social.

As imagens da violência, da pobreza, da desumanização e da opressão constituem o universo, sobretudo, dos sujeitos que residem nos arrabaldes das grandes metrópoles contemporâneas brasileiras. À essa imagem, contrasta-se o retrato de um grande centro que promove o desenvolvimento e o progresso, ambos incitados pelo mercado de consumo.

O embate entre esses dois mundos, o do “atraso” e o do progresso, que configuram todo um cenário de uma cidade brasileira, é representado na narrativa de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010). A narrativa tem como foco o trajeto de ônibus feito pelo protagonista Pedro, que sai do centro de uma grande cidade em direção à periferia, um trajeto que a personagem já se habituara a fazer todas as sextas.

Na mesma viagem feita por Pedro, encontram-se os moradores dos bairros distantes da metrópole. Essas personagens compartilham algo em comum, elas se destinam diariamente rumo a um espaço que destrói e empurra para o esquecimento todos os elementos considerados indesejáveis para o crescimento de uma sociedade moderna, travando uma batalha cotidiana para sobreviver em meio a um ambiente hostil.

A partir dessa perspectiva, surgem no romance dois bairros periféricos, Tirol e Várzea, vistos como obstáculos para o progresso e funcionamento da cidade. Eles são o resultado de uma política de descaso, que gera todo um processo de degradação física, tanto desses espaços, que passam por uma mutação perversa, quanto dos habitantes que por ali moram e transitam. De forma sutil, o autor dessa narrativa vai apontando para um regime pautado por uma injusta distribuição dos investimentos públicos e por uma falsa ideia de democracia, em que a desigualdade social passa despercebida aos olhos daqueles que estão imersos nela, sendo, a todo instante, reproduzida e legitimada.

O bairro Tirol, local para onde o protagonista Pedro já se acostumara a ir todas as sextas, a fim de passar o fim de semana com sua namorada Rosane, figura-se como uma região pobre e distante do centro, para onde se destinam os passageiros da linha de ônibus frequentada pela personagem, por não terem uma oportunidade/condição melhor. Dessa maneira, o deslocamento compõe a luta diária desses sujeitos pela sobrevivência em um lugar que, mesmo em seu passado, já se manifestava enquanto um retrato da segregação sócio espacial.

Na época em que os lotes foram entregues e os moradores vieram instalar-se, o Tirol só tinha uma via de acesso. De um lado, o bairro era bloqueado pelas linhas do trem, cercadas por muros altos. Atrás, era isolado por uma vasta área de mata de brejo com mais de cinquenta quilômetros quadrados chamada Pantanal. (FIGUEIREDO, 2010, p.38)

A área escolhida pelo governo para receber esses sujeitos rejeitados pela cidade grande é um local distante do centro e, também, isolado do resto da cidade, apresentando apenas uma via de acesso na época em que os lotes foram distribuídos. Dessa forma, fica mais evidente a intenção, por parte de quem está no poder, de empurrar para cada vez mais longe e de descartar aqueles considerados indesejáveis para o avanço da vida na metrópole.

O descaso para com toda essa parcela da população considerada um atraso para o desenvolvimento da urbe se apresenta de maneira tão brutal, que o resultado logo se manifesta através de um cenário a cada dia mais violento e abandonado. O Tirol se encaminhava, então, para um local onde “não havia mais quase nenhuma árvore”, onde o “sol atacava direto as ruas poeirentas, onde o capim cinzento só crescia a custo nos cantos dos muros e das pedras” (FIGUEIREDO, 2010, p.36). E não é apenas o traçado desse espaço que vai aos poucos murchando, esgotando e deteriorando, os indivíduos que por ali transitam também se direcionam para esse fim. Eles são sujeitos que trazem marcas de toda a violência e opressão sofridas diariamente.

Pedro sabia que o rapaz de uns vinte anos, de cabelo raspado, com dois dedos da mão paralisados para sempre numa ligeira curva em gancho por causa de algum acidente, ia dormir de cansaço no meio da viagem. A cabeça ia ficar encostada no vidro da janela, ou ia tombar de vez em quando, quase tocando em quem estivesse ao seu lado.

Pedro sabia até que o homem de uns quarenta anos, com o uniforme de uma firma de consertos de eletrodomésticos e marcado no antebraço por uma cicatriz marrom de queimadura, trazia dobradas dentro da maleta de ferramentas as páginas da seção de esportes do jornal. (FIGUEIREDO, 2010, p.10)

É, portanto, por intermédio do “tom desanimado” e do “desgosto na garganta” da personagem Rosane, que é quem narra para Pedro a trajetória/memória dos moradores do Tirol e da sua própria família, e também das observações feitas por Pedro ao longo da viagem rumo a esse bairro periférico, que se tem a percepção da perversidade de todo o processo instaurado pelos mecanismos de opressão. Assim, o resultado dessa política desigual não poderia ser outro senão um crescimento desenfreado e desalinhado do local.

Por conseguinte, o desenvolvimento desordenado do bairro Tirol, somado à demanda populacional não somente dessa região, como também dos arredores, além da

violência e da ausência das necessidades básicas, entre elas o saneamento básico, mostram não só a transformação de um espaço que responde às exigências impostas pelo sistema capitalista contemporâneo, mas também a configuração/estruturação de todo um regime de apagamento e esquecimento administrado/articulado pelos que estão no poder.

O esboço de uma paisagem composta por “aglomerados de árvores” e pelo “rigor quadriculado das ruas e dos lotes”, como menciona o narrador do romance de Rubens Figueiredo, dá lugar, assim, a dejetos que correm em canaletas descobertas, a tijolos à mostra nas paredes das casas, a construções que ocupam até as calçadas e à extrema pobreza e violência.

Sendo assim, a transfiguração pela qual passa o bairro onde a família de Rosane reside pode ser considerada um reflexo de uma política predatória que se instaura na metrópole, e que transforma o Tirol em um local desprovido de segurança e planejamento, destinado àqueles que não se enquadram no sistema vigente, a pessoas que, assim como a família de Rosane, vivem em situação de opressão e exploração.

Ao contrário de bairros periféricos como o Tirol que, devido à ausência de estrutura e à indiferença por parte do governo, crescem sem ordenação, Beatriz Sarlo, em seu livro *Cenas da vida pós-moderna* (2013), ao problematizar a situação das cidades nos países latino-americanos, menciona que os “bairros ricos configuram seus próprios centros, mais limpos, mais ordenados, mais bem vigiados, mais iluminados e com ofertas materiais e simbólicas mais variadas.” (SARLO, 2013, p.14). A análise feita pela escritora só vem a corroborar, portanto, a ideia de uma cidade fragmentada e da presença perceptível de uma segregação socio-espacial, decorrente do regime desigual que transforma de forma brutal o cenário das metrópoles.

Embora o processo de reconstrução urbana esteja retratado no romance contemporâneo de Rubens Figueiredo, vale ressaltar que as mutações pelas quais passam os centros urbanos brasileiros, com o propósito de modernização e embelezamento desses locais, não são problemáticas apenas do cenário atual. As mudanças perversas que fragmentam sócio e espacialmente as metrópoles acompanham-nas, sobretudo na cidade carioca, desde o final do século XIX, quando a categoria subúrbio torna-se um objeto de “raptó ideológico” no Rio de Janeiro, como menciona Nelson de Nóbrega Fernandes (2011, p.48).

Procurando o significado da categoria subúrbio ao longo do século XIX em diversos discursos sobre a cidade do Rio de Janeiro, encontramos aquela representação genérica das circunvizinhanças da cidade, não havendo, por outro lado, sua identificação com uma condição de desprestígio social. Muito ao contrário, o subúrbio estava associado à aristocracia e a uma vida ativa e social. (FERNANDES, 2011, p.53)

Ao contrário do que é possível observar no contexto atual, até o final do século XIX, a palavra subúrbio desconsiderava qualquer aspecto depreciativo, absorvendo, como lido na passagem acima, apenas o significado de zona periférica da cidade, sendo um local muitas vezes associado à aristocracia.

A mudança repentina do conceito da palavra subúrbio acompanha, portanto, as mutações espaciais que transfiguram toda uma cidade, que passa a acomodar em seus arrabaldes, em vez de importantes representantes da Corte, os membros das classes sociais rejeitadas pela metrópole e pelo sistema político presente nela.

Ao trazer para o seu texto as crônicas de Marques Rebelo, que apontam para o leitor a ideia de uma cidade fragmentada, com muitas cidades dentro de uma mesma, pensando o Rio de Janeiro do início do século XX, Renato Cordeiro Gomes já expõe todo um processo perverso denominado por ele de uma “barbárie investida de civilização” (GOMES, 2008, p.102). No texto, ele menciona que “o que marca essas crônicas miúdas dos pequenos funcionários, das donas-de-casa sem rosto nem idade, dos rapazes abafados em empregos humildes, é a certeza de uma perda precoce. Personagens que a cidade grande rejeita ou devora.” (GOMES, 2008, p.133).

De forma semelhante, Rubens Figueiredo vai moldando também o seu romance. Nele, o subúrbio que antes era destinado para alojar os militares, passa a ceder o lugar para famílias miseráveis, bem como a de Rosane, deslocadas, sem auxílio e ordem, bem distantes do centro, através de um programa promovido pelo governo.

A chegada, de forma desordenada, desses novos habitantes torna-se de certa forma uma ameaça para os moradores do bairro vizinho, da Várzea, que reagem a todo esse processo injusto e excludente com mais violência ainda, numa tentativa, talvez, de se afirmarem e de buscarem uma identidade e um espaço dentro de um sistema que não oferece muitas oportunidades, colocando-os à margem. Dessa forma, segundo Glauciane Reis Teixeira, “a insegurança motiva o medo, este rapidamente evolui para um estado latente de agressividade; como acontece com os moradores dessas duas regiões que não resistem às pulsões do meio [...]” (TEIXEIRA, 2013, p.92).

Os nomes Tirol e Várzea começaram a aparecer nos jornais, na televisão, nos noticiários de crime. Os grupos armados nos dois bairros pareceram crescer e

se hostilizavam. Juravam vinganças seguidas. Sem notar, as crianças começaram a aprender aquela raiva desde pequenas. Educavam-se com ela, tomavam gosto e se alimentavam daquela rivalidade. Cresciam para a raiva: aquilo lhes dava um peso, enchia seu horizonte quase vazio – nada senão aquilo fazia delas alguém mais presente (FIGUEIREDO, 2010, p. 54).

O pouco que lhes é reservado por uma sociedade que, como diz o próprio narrador “os deixara para trás”, não pode, de acordo com o pensamento desses sujeitos, ser dividido, criando assim uma rivalidade entre os dois bairros. Essas personagens marginalizadas não conseguem, por conseguinte, enxergar uma outra forma de sobreviver e de existir nesse novo cenário da cidade contemporânea.

A hostilidade e a impossibilidade de identificação com outros espaços e realidades mostram-se enquanto um reflexo de toda uma política que fragmenta a metrópole, criando mecanismos de exclusão. A cidade, sobretudo o centro e os bairros das classes média e alta, passa a ser inimiga desses indivíduos, que se sentem distantes, não apenas geograficamente, como também socialmente. O episódio que ocorre com a amiga de Rosane, por exemplo, no escritório onde a namorada do Pedro trabalha, é apresentado pelo autor como uma tentativa de compreender a dinâmica social que estilhaça a cidade.

Aconteceu que ali no escritório, entre as paredes limpas e pintadas em tom de pastel, com reproduções de pinturas abstratas penduradas – no meio dos aparelhos eletrônicos novos que zumbiam e piscavam discretos em cima das mesas – sobre o piso do granito reluzente – debaixo das luzes distribuídas de forma calculada por um arquiteto – ali, onde todos sabiam que causas jurídicas complicadas, misteriosas, caras recebiam os cuidados e atenções mais especializados e onde fortunas trocavam de mão por força de simples assinaturas num documento – ali, sua vizinha é amiga de infância tomou, na mesma hora, um aspecto incômodo, impertinente e quase aberrante aos olhos de Rosane, como aos olhos dos outros. (FIGUEIREDO, 2010, p.61).

A partir da passagem acima, é possível observar o quão aberrantes são as atitudes e reações da amiga de infância de Rosane aos olhos dos que pertenciam àquele meio, até mesmo para a própria namorada do protagonista, que busca constantemente se adequar a esse mundo. Ali, a vizinha de Rosane tornava-se um bicho diante deles que, movidos pela colisão entre as duas realidades distintas, julgam não ser aquele o espaço pertencente a ela.

Ao trazer esse acontecimento para a narrativa, Rubens Figueiredo propõe uma leitura crítica acerca das hierarquias sociais existentes nos grandes centros urbanos e dos conflitos presentes entre esses opostos. De acordo com Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, “não apenas o relato produzido por Rosane sobre a amiga de infância indica essa percepção e esse modo de leitura da sociedade”(PATROCINIO, 2012, p.104). Ele

aponta para o fato de todas as personagens e histórias serem assinaladas por esse movimento de embate entre sujeitos e mundos contrastivos.

São inúmeras as passagens no romance que retratam essas colisões. Em uma delas, Rosane relata a Pedro sobre a ausência de contato e afinidade com colegas de infância, pessoas que, de maneira semelhante a ela, passaram pelo mesmo processo de violência e opressão ao longo de suas vidas. Para esses sujeitos, o destino apenas lhes reservara a prisão, a morte e o isolamento, pois fora do lugar ao qual foram condenados a permanecer, “sentiam-se reconhecidos, ameaçados, temidos [...]” (FIGUEIREDO, 2010, p.55). Muitos sequer haviam ido ao centro, sendo isso algo impensável. Assim, apesar de não ser colocado de forma explícita, esses mecanismos de exclusão acabam por destituir o direito de frequentar determinados espaços. São códigos cruéis, como a própria forma de se vestir e de falar, e a própria dificuldade no ato de se deslocar, que acabam segregando os indivíduos imersos nesse contexto.

[...]fora dali só viam rancor e não havia roupas, linguajar nem maneiras com que pudessem se disfarçar. Quase que só saíam quando precisavam ir a algum hospital ou providenciar algum documento. Ir ao centro da cidade, a quase quarenta quilômetros dali, como fazia Rosane, e ainda por cima todos os dias, era uma coisa que algumas colegas de infância achavam estranho e até ruim. Para algumas, era mesmo impensável. Torciam a cara só de imaginar. Havia quem nunca tivesse ido ao centro. Algumas de suas amigas que nunca tinham ido a nenhum bairro a mais de dez quilômetros de distância [...]” (FIGUEIREDO, 2010, p.56).

Cristovam Buarque, em seu livro *Os estrangeiros* (2002), ao narrar um fato ocorrido com uma família de excluídos em um shopping na cidade de São Paulo, problematiza a questão da segregação presente nos grandes centros urbanos e da existência de códigos implícitos que agravam ainda mais essa situação. No contexto apresentado, o escritor menciona que os trajes utilizados pela família eram tão distintos em relação aos usados pelos frequentadores habituais do shopping, que eles, os já familiarizados com o ambiente, ficavam “todo o tempo observando os visitantes como se estes fossem estrangeiros de alguma exótica terra distante. ” (BUARQUE, 2002, p.18). Um pouco mais adiante, Cristovam Buarque, a fim de compreender melhor o fato retratado, pensa nesses sujeitos enquanto estrangeiros dentro do próprio país, destituídos dos benefícios da modernização, para tentar dar conta de toda essa realidade exposta nesse novo cenário. “Os visitantes estavam constrangidos, em uma terra estranha, e sabiam que não eram bem vistos nem bem-vindos, como se fossem estrangeiros de uma terra hostil, invasores perigosos, assaltantes. ” (BUARQUE, 2002, p.18). Eles seriam,

portanto, o que o autor chama em seu livro de *instrangeiros*, sendo vistos como indivíduos desnecessários, descartáveis e indesejáveis.

Para Beatriz Sarlo, em “tensão com as clivagens sociais e as impossibilidades econômicas, nos países periféricos, o *shopping* revela uma desigualdade maior entre os que o usam como passeio e os que, além disso, compram significativamente. ” (SARLO, 2014, p. 12). Ainda em seu texto, a escritora afirma que, apesar de “imaginariamente inclusivo”, pois teoricamente todos podem circular livremente por esse espaço, no *shopping* os “níveis de consumo são excludentes. ” (SARLO, 2014, p.9). Até mesmo as lojas e mercadorias são dispostas de acordo com um público-alvo específico. Dessa forma, ainda que aparentemente aberto para a circulação de todos os moradores de um grande centro urbano, esse ambiente poderia ser visto também como um microcosmo da segregação presente na cidade, em que nem todos podem entrar em qualquer loja e comprar qualquer mercadoria, porque elas estão estratificadas.

A partir desse olhar, também podemos pensar as inúmeras personagens do romance de Rubens Figueiredo que, assim como essa família de excluídos no shopping em São Paulo, são consideradas invasoras perigosas de um espaço que não pertence a elas. No romance, o caso dos dois meninos com camisetas imundas e pés descalços que iam em direção à loja de internet, vizinha à livraria onde Pedro estava, com intuito de observar os jogos nas telas dos computadores, é um exemplo da existência desses mecanismos de exclusão. Os meninos parecem compreender que não são bem-vindos naquele ambiente, apesar de quererem buscar algum contato com aqueles jogos, que simbolizam todo um universo sonhado e, ao mesmo tempo, muito distante em relação ao deles. Na passagem, eles se encontram “meio de longe, encolhidos contra a parede, os olhos acesos, o pescoço esticado para o lado de dentro, um pé apoiado no degrau de entrada, o outro, do lado de fora. ” (FIGUEIREDO, 2010, p.143). É como se, mesmo desejando muito pertencer àquele espaço e ter aqueles jogos, os garotos já soubessem que ali eles eram indesejáveis. “Os dois vieram para a porta da livraria sem dar a menor atenção ao olhar fixo e à cara francamente hostil do segurança de paletó e gravata. ” (FIGUEIREDO, 2010, p. 132)

Não só a passagem acima, como também ao longo de todo o romance, são narrados diversos embates que, mediados pelos relatos de Rosane e somados ao olhar de Pedro, levam o leitor a refletir acerca da existência de um sistema pautado por políticas que alimentam cada vez mais as desigualdades presentes nos grandes centros, sendo tão

bem articuladas pelos que estão no poder, a ponto de fazer com que os mecanismos de exclusão passem despercebidos. Dessa forma, ao trazer para a narrativa uma temática tão recorrente no cenário contemporâneo, Rubens Figueiredo provoca a leitura de uma sociedade estilhaçada, marcada por uma segregação sócio-espacial. O escritor mostra, assim, uma paisagem que esconde, por trás de toda a imagem de progresso e desenvolvimento, a história de violência, pobreza e opressão de sujeitos colocados à margem e apagados pela dinâmica instaurada na urbe.

O deslocamento geográfico desses indivíduos excluídos do processo de modernização torna-se, portanto, consequência de uma incompatibilidade com o cenário imposto por uma política predatória, que modifica toda a fisionomia da cidade. As ruas e os subúrbios acabam configurando-se, por conseguinte, como palco da miséria e desordem, vistas como atraso por aqueles que fazem o sistema funcionar, colocando-se em conflito com toda a imagem vendida pelo regime capitalista atual. Logo, não só o lugar dos sujeitos dentro da dinâmica social passa a ser questionado, como também a resistência da política que movimenta e faz pulsar o próprio sistema.

## REFERÊNCIAS

- BUARQUE, Cristovam. *Os instringeiros*. 2.ed.Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. O rapto ideológico da categoria subúrbio. Rio de Janeiro 1858/1945. 1. ed.Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- FIGUEIREDO, Rubens. *Passageiro do fim do dia*. 2. ed.São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GOMES, Renato Cordeiro. Todas as cidades, a cidade: Literatura e experiência urbana. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo: um olhar sobre o naturalismo. In. CHIARELLI, Stefania; DEALTRY, Giovanna e VIDAL, Paloma (orgs). O futuro pelo retrovisor – inquietudes da literatura brasileira contemporânea. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- SARLO, Beatriz. Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013
- \_\_\_\_\_. *A cidade vista: mercadorias e cultura urbana*. 1.ed.São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- TEIXEIRA, Glauciane Reis. Tirol e Várzea, abrigo dos supérfluos: reflexões sobre Passageiro do fim do dia. In. GOMES, Gínia Maria. (org) Literatura brasileira contemporânea: geografias. 1. ed.– Frederico Westphalen, RS: URI – Frederico Westph, 2013.